

Provas Específicas

Você ainda lembra do texto dissertativo-argumentativo? Tá com saudade? Hoje é o dia em que voltaremos a falar desse tipo textual tão cobrado nas grandes provas de vestibular. Há, no entanto, alguns pontos um pouco diferentes da prova do ENEM, e estes terão algum destaque na nossa aula. Antes disso, é importante revisar o que já aprendemos até aqui. Preparamos, nesta aula, um passo a passo, com características importantes da dissertação. Depois disso, discutiremos alguns temas e apresentaremos redações exemplares que trarão ótimas ideias para a nossa produção textual. Vamos?

O título

Já que não estamos mais falando de ENEM, o título, aqui, passa a ser **obrigatório**. E, sim, sua importância é inegável. Como já vimos, o título funciona como uma **síntese sugestiva do seu texto**, e isso fica claro quando o texto funciona, de certa forma, como uma “resposta” ao que foi apresentado nesse título. O objetivo, então, é atrair o leitor, tornar o texto interessante, fazer com que o corretor **queira ler** seu texto e **descobrir** o que você quis dizer com aquele título.

A introdução

Aqui, tudo o que já aprendemos antes do ENEM se repete. De fato, a introdução continua sendo o lugar de **contextualização do tema proposto e apresentação de seu ponto de vista**, sua **tese**. A diferença, porém, também é bem clara: quando no ENEM, nosso maior conselho era que você tentasse deixar tudo o mais claro possível, ou seja, deixar evidentes as fronteiras entre cada uma das funções (obviamente, muito bem conectadas). Nos vestibulares específicos, essas fronteiras já não existem mais: faz parte do domínio do tipo textual - o dissertativo-argumentativo - a construção dessas funções de forma muito mais fluida, natural. Aqui, as funções se “misturam”, ficam muito mais sugestivas, menos “pontuais”.

O desenvolvimento

Da mesma forma que na introdução, as características se repetem: em primeiro lugar, é importante, antes da construção do parágrafo, que você formule um **tópico frasal**. O tópico frasal funcionará como a ideia central do parágrafo construído, ideia que será **fundamentada** no restante das linhas. A fundamentação, então, virá com **exemplos, dados estatísticos, argumentos de autoridade** e muitas outras estratégias que já conhecemos. Diferentemente do ENEM, assim como no ponto anterior, essas funções se confundem, se misturam, derrubam as fronteiras existentes entre elas. Lembra quando dissemos, lá no ENEM, que era importante que o tópico frasal ficasse no início do parágrafo? Aqui isso não precisa ser prioridade.

A conclusão

O primeiro ponto ainda é o mesmo: a **retomada da tese** também é importante aqui, talvez não tão clara e objetiva como no ENEM, mas, ainda assim, presente. A grande diferença aparece na segunda função. Antes conhecida como **apresentação de propostas de intervenção**, nas provas específicas chamaremos essa função de **ampliação**. Sim, as tão temidas soluções não são mais obrigatórias. Não há uma competência para cuidar delas. A ideia, aqui, é fechar o texto com “chave de ouro”, o que você pode fazer com **ressalvas, retomadas da contextualização, ironias, reflexões mais aprofundadas** e até com as adoradas **propostas de intervenção**. Apesar de não mais obrigatória, propor soluções pode ser uma ferramenta interessante se o tema pedir a análise de problemas. Fique atento!

Redações exemplares

Vamos conhecer alguns textos exemplares? Dê uma olhada e tente identificar cada uma das características apresentadas anteriormente.

Tema: A dificuldade de se viver um grande amor na contemporaneidade.

Que seja(m) infinito(s) enquanto dure(m).

Seria extremamente perigoso - e desafiador - discordar do poetinha, alegando que textos muito doadores como o “Soneto de Fidelidade” não expressam a sinceridade do autor - um dado que nos permitiria tal interpretação: o garanhão casou-se, oficialmente, nove vezes. Porém, sejamos menos românticos e mais hedonistas, tal qual a contemporaneidade o é: Vinícius não viveu um grande amor, mas vários grandes amores. Resta-nos refletir: será mesmo tão difícil viver grande(s) amor(es)?

Em um reino encantado de poetas e pensadores românticos, digamos que sim, mas lembremos que, no mesmo reino, Romeu e Julieta, na impossibilidade de ficarem juntos na vida, escolheram unir-se na morte (e não, isso não é tão fácil de acontecer no “mundo real”). Hoje, como nos contou muitas vezes Nelson Rodrigues, mata-se por outro, e não junto ao outro; dá-se fim a casamentos em prol de supostos romances mais intensos. Torna-se tão fácil intensificar relacionamentos intermitentes que parece desperdício a possibilidade de investir em algo muito mais perene. “Casar? Ter filhos!? Eu quero é aproveitar a vida!”.

Ok, aproveitar a vida é um pouco forte - ainda que demonstre o real desejo. Existe, sim, um termo muito mais contemporâneo, e aparentemente formal, que sintetiza tal busca: relacionamento aberto. O que seria um relacionamento aberto? Falta de compromisso? Mas isso não descaracterizaria o próprio relacionamento? Na verdade, o amor, na contemporaneidade, se liquefaz, tornando as relações mais intensas e libertando o homem de obrigações não sentimentais. O ser humano, então, fica tão livre, que se “abre” a outras experiências fora da relação. Mas quem disse que isso é ruim?

Temos que admitir, então, que Vinícius estava certo. O poeta não deixou de amar, apenas se dispôs a intensificar cada amor que tivesse, posto que o sentimento é como chama, como o mesmo compara. Nesse sentido, a necessidade de aproveitar cada momento revela uma (muito) maior facilidade de se viver grandes amores. Os amores passam, então, a ter jeitos mansos só

seus e coisas mais lindas balançam docemente a caminho do mar, de forma que ter momentos infinitos e temporários já não constitua um paradoxo, mas uma forma de o homem viver seu grande amor. Ou grandes amores.

Tema: A sociedade de supervalorização do olhar.

O show de Truman continua

Quem nunca sorriu, e procurou algum feijão no dente, no espelho do elevador? Quem nunca ficou horas no canal das câmeras de segurança do prédio? Quem nunca fingiu estar feliz num casamento? Quem nunca? Ninguém nunca. Tudo tão previsível quanto num espetáculo humano.

Não adianta mais discutir a subordinação da contemporaneidade aos olhares e determinações de uma elite selecionada e as desvantagens dessa escravização midiática. Perda de tempo. Sofisma, talvez. A verdade é que a sociedade controlada revela pessoas sedentas por quebrarem a casca de seus ovos e explorarem novos limites. Por criarem, se destacarem, fazerem a diferença. E de pessoas na sala de jantar, preocupadas em nascer e morrer, surgem tropicalistas prontos para ultrapassar os limites do show da vida, cantando sua originalidade, o que poucos conseguem alcançar. Os que não conseguem ainda têm as mesmas características, a mesma forma de pensar e até o mesmo nome: Truman.

Todos nós somos uma espécie de Truman. Aceitamos a realidade do mundo como ela nos é apresentada, sem questionarmos o momento habitual de se sentar à frente da tevê para assistir ao Big Brother Brasil ou à Fazenda. Todos nós queremos nos parecer com a capa da Men's Health ou da Vogue. Contudo, alguns Trumans, dentre os todos nós, percebem que há mais além da ponte que limita a cidade, e deixam de ser controláveis para controlar. Controlar suas próprias vidas, livres de vídeos, fotos e padrões. A vantagem disso? Quase um livro de autoajuda. Talvez a fórmula para a satisfação, que ninguém procura, por ser mais difícil de ser alcançada. Talvez a chance de sorrir sem estar sendo filmado. Talvez a perda dos 15 minutos de fama, porém - de brinde - 15 anos de despreocupação, sem nenhum talvez e com menos rugas.

Dessa forma, a sociedade do olhar, agora no paredão - no canal 4, ou na roça, no canal 13 - dá um passo atrás para que a liberdade de expressão, de movimento, de vida dê dois passos à frente, velejando em direção ao nada (como Truman) e descobrindo tudo: um mundo longe das câmeras de segurança, das cerimônias perfeitas, das maquiagens, com barriga de chopp e feijão no dente.

Tema: Os limites do humor e os valores de respeito e tolerância.

O que seria do circo sem o palhaço?

As últimas décadas deram aos seus recém-chegados um presente: a liberdade de expressão. Em tempos de ditadura, varguista ou militar, a censura tinha seu valor a ponto de ser tratada por órgãos específicos do governo, como o DIP. Hoje, percebemos a possibilidade de diversão com os assuntos mais variados, inclusive com os protegidos por lei, como homossexualidade e questões raciais. A pergunta é: será mesmo necessário limitar tal tipo de arte

quando o objetivo é entreter? Não seria o humor uma forma de irreverência e, portanto, uma irônica inversão de valores?

Se o mundo fosse um circo, os humoristas seriam os palhaços. Há o momento de se falar sério, como quando os trapezistas sobem em sua corda, mas há também o momento mais esperado, onde o riso toma conta da plateia. Afinal, o que seria do circo sem os palhaços? O que seria de nossas vidas sem um momento de se esquecer as leis, os dogmas, as limitações e, simplesmente, deixar o riso fluir? O ato de fazer piada com os acontecimentos do dia a dia não diminui o comediante, pelo contrário, mostra que este conhece os limites entre o riso e o respeito.

Além disso, podemos enxergar na irreverência uma possibilidade de aproximação de pessoas e derrubada de barreiras. Quando vamos ao teatro assistir a um “stand-up”, ainda que o comediante crie alguma piada relacionada à cor, por exemplo, encontraremos pessoas daquela mesma cor rindo e se divertindo com o que está sendo dito. Isso aproxima o ser humano do seu próximo e mostra certo respeito também, pois, já que numa situação de valores invertidos a raça foi usada como forma de criar humor, saberemos que o piadista tem noção do quão intolerável deve ser o desrespeito às diferenças.

Fica claro, portanto, que não é necessário que se mantenha uma “ditadura do humor”. A existência da comédia é essencial para que haja uma possibilidade de fuga do dia a dia na vida do ser humano. Em outras palavras, o palhaço é quem dá a cor ao circo e sua apresentação tem o poder de fazer rir qualquer pessoa, de qualquer idade. É papel do homem conhecer seus limites, e ultrapassá-los é fundamental para que este conhecimento venha à tona.